

O MODERNISMO NA CASA-GRANDE

A Infância da Sociologia

30 sé L ... i2 Jthama.. Passos

Para Heraldo, Lia e Vera

Recife. Pontes e canais.

Alvarengas, açúcar, água rude, água negra.

Aponram para o abismo negro-azul das estrelas.

Pátio do Pararso. Praça de São Pedro.

Laies carcomidas, decrépitas calçadas.

Falam baixo na pedra as vozes da alma antiga.

Joaquim Cardozo (Recife Morto, 1926)

RESUMO: A obra de Gilberto Freyre constitui-se em um dos importantes momentos de **inflexão** do pensamento social brasileiro rumo a consolidação da reflexão sociológica propriamente dita. Ela também se insere numa corrente mais geral de renovação intelectual e estética tributária em **grande** medida ao Movimento Modernista. O presente artigo trata de desenvolver os pressupostos contidos no projeto de pesquisa homônimo. É seu objetivo apresentar de forma breve e didática as passíveis relações entre o desenvolvimento do Modernismo como movimento amplo de mudança cultural e suas relações com a emergência do moderno pensamento social brasileiro. Assim, trata-se de considerar parte da obra do autor como local privilegiado para discutir o papel de uma das grandes narrativas sobre o nacional e de suas tensões entre a modernidade e a tradição em direção ao estabelecimento de uma "identidade" para a nação.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Modernismo. Identidade Nacional.

Corrida em São Paulo, a Semana de Arte Moderna de 1922 constitui-se no símbolo primaz do movimento modernista brasileiro. Ela representa um sintoma de mudanças que já vinham ocorrendo no âmbito da cultura erudita brasileira¹ e celebra o primeiro passo em **busca** de padrões autônomos e formas autênticas para a criação estética nacional. Não apenas no seio das artes, mas também no campo do pensamento social, os intelectuais procuravam estabelecer novos modos de se

tratar e compreender a cultura e a história do Brasil, estabelecendo novas interpretações e valores para a sua **identidade** nacional. O início da consolidação institucional do pensamento sociológico brasileiro encontra-se estreitamente relacionado com este período, mas raramente é analisado em conexão com o processo de renovação das formas estéticas.

As primeiras décadas deste século foram marcadas pela presença definitiva dos "explicadores" do Brasil. Suas interpretações

encontram-se ligadas ao fenômeno da reorganização política do Estado Nacional na década de 30 e à estruturação de um novo campo intelectual. Nesta época, o pensamento sociológico, ou preto-sociológico, manifestado pelo ensaísmo de Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Caio Prado Jr.(1907-1990), não seria devedor em relação aos primeiros modernistas apenas pelo seu vigor e originalidade na busca por uma interpretação ampla do Brasil.²

Por outro lado, a chamada geração modernista, identificada imediatamente com a renovação dos padrões estéticos nacionais, é frequentemente subestimada em seu papel na reestruturação da compreensão da cultura nacional. Ocorre que entre ambos - geração do ensaio histórico-sociológico e modernistas de primeira time - existe uma relação estrutural e genética que enforma mutuamente suas preocupações e a configuração de suas obras.

Nesta direção, Martins afirma que este é também o momento em que, através dos 'romances regionalistas', os *vécus sociaux* que coexistem num país tão desigual e diversificado podem se apresentar ao espírito de um leitor urbano que, de outra forma, jamais teria como vivenciá-los. Vai nesse sentido (...) a observação de Antonio Candido de que se inicia um movimento de unificação cultural sem precedentes no Brasil. Finalmente é na primeira metade da década de 30 que nascem as primeiras tentativas de interpretação de conjunto da história, da economia e da sociedade brasileira, a partir de referências que não os da 'raça' ou do 'meio tropical'. Esses livros tornar-se-ão clássicos, influenciando posteriormente várias gerações. Em suma, a *intelígentsia* procura atravessar o espelho (europeizado) para 'ver' o país - e advogar a mudança. Pois a procura da identi-

dade social passa igualmente pela busca angustiada de uma ponte entre essa completa renovação cultural e a reforma da sociedade: a ponte entre a modernidade e a modernização do país (1987, p.76).

A renovação estética **modernista**, projetada a partir da década de 20 principalmente na poesia e nas artes plásticas; juntamente com o ensaio de interpretação e crítica social, que tenta recontar o processo de formação histórica do país; assim como a **transposição** para o plano ficcional das experiências sociais regionais pelo chamado Romãoce de 30 do Nordeste compõem, todos, um quadro geral e orgânico de reconsideração do passado no interior da experiência presente de definitiva inserção da sociedade nacional em uma nova fase da modernidade capitalista periférica.

É assim que apesar da enorme distância formal que separa trabalhos como o Manifesto Antropófago (1928) de Oswald de Andrade, Macunaíma (1928) de Mário de Andrade, Menino de Engenho (1932) de José Lins do Rego e Casa-Grande & Senzala (1933) de Gilberto Freyre, todos eles se encontram ligados pela intenção de fazer uso de padrões estrangeiros de criação/explicação com vistas a superá-los, trazendo vida aos símbolos nacionais e à adequada compreensão da cultura brasileira. Um certo sentido de nacionalismo **cultural** jaz por trás desta atitude a despeito da grande diferença de resultados estéticos e políticos.

A idéia de "ressentimento", a qual o título do projeto faz menção, denota, por um lado, a ação de experimentar-se novamente uma sensação, de reconsiderar-se um sentido original; e, por outro lado, designa também um sentimento de magoa, uma sensação de ofensa e resignação. Este duplo sentido se adequa perfeitamente à compreensão, subja-

cente ao presente texto, sobre a inserção da figura de Gilberto Freyre e de seu papel no panorama da renovação cultural brasileira e da elaboração de novos sentidos para a "identidade nacional" encampada pela chamada geração modernista do Nordeste. Uma renovação dos sentidos da nacionalidade muitas vezes ambígua, que se projetaria na década de 20 no interior das novas formas da arte **poética** para, logo em seguida, afirmar-se definitivamente nos trabalhos do autor de Casa-Grande & Senzala e no que ficou conhecido como o Romance de 30.

O modernismo brasileiro precisa ser compreendido, assim como coloca Lafetâ (1973), no interior de suas relações com as outras esferas da vida social, que apontam, por exemplo, para a dinâmica de inserção da sociedade nacional em uma outra modalidade de relação de acumulação capitalista periférica anunciada a partir da Revolução de 30. Durante este período, a solução do trinômio modernidade-modernismo-modernização aponta para a dissolução das formas de poder oligárquico; para a redefinição das relações entre Estado e sociedade civil; para a expansão do aparelho urbano e do setor terciário, com o aumento maciço das chamadas camadas médias; e, também, para a reorganização do campo dos intelectuais, através da consolidação de instituições formais de pesquisa e ensino superior.³

Durante as "décadas de vinte e de trinta o Brasil experimentou uma das mais profundas reverificações dos sentidos de sua "brasilidade".⁴ Neste período, "o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional", bandeiras do Modernismo como nos fala Mário de Andrade (1942, p.45), encontram-se estreitamente vinculadas à emergência de

uma nova *intelligentsia* brasileira preocupada com o estabelecimento e a atualização de novos padrões de criação e explicação para a cultura nacional.

Adotando-se uma **noção** ampla do movimento modernista brasileiro tal como a que se expressa em vários dos trabalhos do crítico literário Antonio Candido (particularmente em: 1985, Cap. VI), compreende-se que este movimento tenha sido responsável por uma nova forma de se considerar a linguagem, a cultura e a história brasileiras. O Modernismo inaugura uma nova atitude com relação à memória cultural do país: redefine os limites entre o futuro e o passado reconstruindo os horizontes do presente através do estabelecimento de novas relações entre a tradição e a modernidade.⁵

Seguindo esta concepção ampla, que enxerga no modernismo um processo de mudança cultural geral e não exclusivamente um movimento estético, o Modernismo brasileiro pode ser tomado mais como a reconsideração dos sentidos da cultura nacional e suas implicações históricas em direção a uma nova **re**-construção sócio-política da identidade **nacional** brasileira do que apenas como um processo de renovação estética; e então, será possível perceber a presença das mudanças que ocorrem no seio do processo social configurando a renovação dos meios simbólicos e expressivos, formando uma totalidade que não pode ser pensada separadamente."

O Modernismo difunde-se no tempo, balizando grande parte dos debates intelectuais futuros sobre a cultura nacional; ele espalha-se no espaço, sendo colorido pelas inúmeras fontes regionais por todo o país; e também sobrepuja os limites da "forma", ultrapassando os domínios da estética, da ficção, para adquirir expressão, por exemplo, através do ensaio histórico-sociológico de Gilberto

Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.

Para Antonio Candido, estes três autores cristalizam em suas obras a projeção modernista no campo do ensaio em busca da síntese explicativa dos múltiplos aspectos da vida social brasileira e de seu desenvolvimento histórico. Marcados pelo hibridismo e situados inicialmente às margens da emergência institucional formal do pensamento social brasileiro no interior do ambiente universitário - principalmente nos casos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda -, estes autores são tributários à forte influência que a tradição literária exerceu junto às primeiras gerações de "explicadores" do Brasil.⁷

O poderoso ímã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem àquele gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil, e à qual devemos a pouco literária **História** da literatura brasileira, de Sílvio Romero, Os Sertões, de Euclides da **Cunha**, Populações **Meridionais** do Brasil, de Oliveira Viana, a obra de Gilberto Freyre e as **Raízes** do Brasil, de Sérgio Buarque de **Holanda**. Não será exagerado afirmar que esta linha de ensaio, - em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte, - constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento. Notemos que, esboçada no século XIX, ela se desenvolve principalmente no erual, onde funciona como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, graças ao seu caráter sincrético, uma certa unidade ao panorama da nossa cultura (Candido, 1985, p. 130).

E, mais adiante, complementa:

"Hoje, vemos que é necessário chamar Modernismo, no seu amplo, ao movimento

cultural brasileiro entre as duas guerras, correspondente à fase em que a literatura, mantendo-se ainda muito larga no seu âmbito, coopera com os outros setores da vida intelectual no sentido da diferenciação das atribuições, de um lado; da criação de novos recursos expressivos e interpretativos, de outro. (...) Um autor como Gilberto Freyre, que parece hoje um sociólogo conservador, significou então uma força poderosa de crítica social, com a desabusada liberdade de suas interpretações" (Ibidem, p. 134-S).

Neste período, São Paulo foi o berço da renovação modernista e isto está, sem dúvida, relacionado com a crescente experiência 'social de desenraizamento do sujeito urbano, aproximando a metrópole brasileira às suas congêneres européias, que em muitos casos serviriam de modelo aos seus intelectuais.' Com a passagem dos anos 20 aos anos 30, o restante do país não permaneceu em silêncio. O Modernismo difunde-se como projeto de auto-certificação e identidade da cultura nacional encontrando nos diversos ambientes regionais o material com o qual refundaria a própria compreensão da cultura e da história brasileiras," Um projeto que muitas vezes, mesmo quando está apenas preocupado com os aspectos da renovação formal, não pode ser dissociado do sentido político que lhe é subjacente. É assim que Lafetá se refere às relações do Modernismo brasileiro com o desenvolvimento da sociedade, acrescentando que

"nesse panorama de modernização geral se inscreve o corrente artística renovadora que, assumindo o arranco burguês, consegue paradoxalmente exprimir de igual forma os aspirações de outras classes, abrindo-se para a totalidade da nação através da crítica radical às instituições ultrapassadas" (1974, p. 17).

Praticamente a totalidade do que se tem escrito sobre o Modernismo no Brasil restringe-se ao seu desenvolvimento no Sudeste do país. Porém, fora do eixo São Paulo-Rio-Minas o Modernismo ganha força e efetiva-se muitas vezes através de um diálogo

ambíguo no interior das tensões locais entre a tradição e o processo de modernização, indo manifestar-se muitas vezes próximo às formas do regionalismo.¹⁰

Muito pouco se tem escrito, por exemplo, sobre o desenvolvimento do Modernismo no Nordeste e, também, sobre a projeção modernista do Romance de 30 e suas relações com a obra de Gilberto Freyre durante este período. "Sua obra é responsável por um importante e pouco estudado diálogo no interior da cultura moderna brasileira: a *querela do modernismo-regionalismo*. Um diálogo sintomático deste período de superação do pacto oligárquico, que representa diferentes atitudes e formas de apropriação da tradição pela modernidade. O regionalismo tem sido tomado muitas vezes como uma antítese ao modernismo, embora ele represente apenas uma das possibilidades para a realização do projeto modernista para a cultura nacional; naturalmente em uma acepção conservadora na medida em que promove a identidade de um modelo de Estado Nacional esgotado historicamente.

Entre as décadas de 20 e meados da de 40 o Brasil é constantemente "redescoberto" pelas conquistas da nova poesia, da prosa e do ensaio, que enfeixavam, não raro, a "refundação" da cultura nacional em grandes interpretações de sua identidade e de sua história. Muitas das implicações ideológicas das principais interpretações do Brasil foram trabalhadas por Leite (1976) e Mota (1977). Estas grandes "narrativas" do nacional podem ser vistas, em parte, à luz do que se tem chamado recentemente de "discurso fundador".¹² Enunciados capazes de organizar os repertórios simbólicos herdados juntamente com os novos elementos surgidos com a inserção da sociedade nacional em um novo horizonte histórico e social. O

Discurso Fundador é capaz de fornecer uma imagem organizada e "totalizante" do cenário nacional, resultante das novas demandas dos grupos em seus embates pelo estabelecimento de uma hegemonia que não se esgota apenas no plano da cultura. As tensões entre o Modernismo (Sudeste urbano e industrial) e o Regionalismo (Nordeste agrário e arcaico), por uma fórmula rápida e *grosseira*, podem ser lidas como índices de expressão e tentativas de solução para os dilemas distintos colocados pelos diferentes complexos sociais. A *grosso modo*: esforços pelo estabelecimento de "discursos fundadores" de identidades e referências tanto mais válidas quanto mais amplas histórica e geograficamente. Mas isso só a *grosso modo*, e dizer assim não é dizer muito.

Este período define-se como um interessante e híbrido momento de formação da inteligência brasileira. Como salienta Candido, "o decênio de 30 nos aparece agora como um momento de equilíbrio entre a pesquisa local e as aspirações cosmopolitas (...)" (*Op. Cu.*, p. 127). Ele registra uma coexistência aproximadamente harmoniosa, e em alguns casos indistinta, entre as preocupações sócio-políticas, de um lado, e estéticas, de outro. Nesta fase, a principal projeção da cultura modernista se verificaria justamente no ensaio e na ficção romanesca, notadamente no que ficou conhecido como o Romance de 30 do Nordeste. Um movimento "que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história" (*Ibidem*, p.124).¹³

Entre a primeira geração modernista, aquela emblematizada por intelectuais da Semana de Arte Moderna de 1922 como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, e aquela que se projetaria na década seguinte,

como os romancistas de 30 e o próprio Gilberto Freyre, o Modernismo avançou pela **elaboração** de uma nova compreensão e atitude para com a cultura brasileira, **refundando-a** pelo estabelecimento de uma **nova** concepção de idealidade nacional.

A **noção** de identidade **nacional** como foi tratada por Renato Ortiz, se traduz na idéia de uma permanente **(re)construção** histórica de um discurso pretensamente **hegemônico** por parte dos grupos sociais em **suas relações com o "popular"** e, com o "estrangeiro" na formação do Estado Nacional. Na elaboração dos conteúdos formais da identidade para a **nação**, os intelectuais **surgem** como **mediadores simbólicos, agentes** históricos que constroem a unidade da **diversidade**. Sua tarefa se constitui em uma **operação** de transformação simbólica do real. Eles aludem em direção a uma **reinterpretação do popular**, de suas múltiplas fontes e formas - fazendo uso na maioria dos casos de **matrizes** culturais exógenas - modelos, esquemas e teorias - em busca de um momento **sintético** **entre** o particular e o universal como forma de expressão de uma **explicação** para a nação.

Assim,

"a cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquele manifestação. Os intelectuais têm neste processo um papel relevante, pois são eles os artífices deste jogo de construção simbólica" (Ortiz, 1985, p.142).

E **então**, a **reflexão** sociológica **não** pode deixar **de** enxergar nos discursos **culturais** e nos enunciados estéticos, ou mais genericamente: na **poética**, uma verdadeira **potência** do signo. Esta, **talvez**, seja a **principal tarefa** de uma Sociologia da Literatura que se **pretende** efetiva."

O Modernismo se constitui em uma das soluções históricas para esta **equação** descrita **tão bem** por Renato Ortiz e Antonio Candido como uma das resoluções da unidade da dialética do local e do cosmopolita. Para o caso do Nordeste, ainda **está** por ser realizada uma pesquisa adequada sobre a tensão **estabelecida** no interior da tríade **poesia modernista da década de 20, ensaísmo histórico-sociológico e romance social da década de 30** com vistas à formação de uma nova identidade para a nação, ou mesmo para a **região**. Em uma época de reestruturação política do Estado e de reavaliação dos sentidos para a cultura nacional, o **pensamento** de Gilberto Freyre se apresenta - no âmbito da crise do cenário nordestino - como o **centro** de gravidade desta tríade; um campo fecundo para investigações sobre as ambigüidades que revestem o papel exercido pelas **narrativas** e interpretações do Brasil no interior das tensões entre a modernidade e a tradição.

Gilberto Freyre representa um dos primeiros e principais esforços em direção a uma "explicação" do Brasil no interior do pensamento social nacional deste século. Seus estudos, àquela época detentores de uma heterodoxia formal e metodológica, procuravam na **história** colonial brasileira elementos sociológicos e antropológicos com os quais estruturaria uma identidade cultural para a nação. Seu legado se constitui, **talvez**, em um dos mais fortes "arquetipos" da explicação da identidade nacional.

É preciso tomar clara, portanto, a **inserção** e o significado de sua produção entre as décadas de 20 e de 30. Investigar seus objetivos e como sua obra lida com a tradição e com as fontes da cultura nacional redefinindo-as por meio de um discurso "moderno" **que incorpora** métodos estrangeiros e originais de pesquisa científica enquanto busca

explicar a cultura brasileira e sua identidade nacional através de um discurso ambivalente.

Durante este período, o "Mestre de Apipucos" foi, talvez, um dos mais importantes e influentes intelectuais brasileiros e suas relações para com o desenvolvimento das formas estéticas nacionais nunca foram suficientemente estudadas. Sua própria biografia - ele próprio chegou a sugerir a importância de estudos em direção a uma possível Sociologia da Biografia - surge como ponto-de-partida privilegiado para o esclarecimento das **relações** entre os Intelectuais, as Ciências Sociais, a Literatura e o Estado para o desenvolvimento da sociedade durante a construção da cultura moderna brasileira. Sua **obra**, cotejada com as demais realizações do Modernismo nordestino e **sulista**, se apresenta de grande utilidade para discutir as relações **entre** matéria ficcional (discurso estético) e explicação sociológica (discurso científico) rumo à construção de sentidos para a História pela elaboração de novos significados para a memória social e coletiva.

Os trabalhos de Gilberto Freyre **são** passíveis de análise e crítica não apenas como uma explicação substantivamente científica (como na maioria das vezes foi considerada), mas também como uma narrativa. A idéia pode ser retirada de Costa Lima, quando este afirma que a narrativa não se opõe ao conhecimento científico e que, ao contrário, o discurso ficcional e historiográfico compõem-se de narrativas estruturadas de diferentes formas, constituindo-se em uma "organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em uma **ordem**; ordem que **não** é anterior ao ato da escritura mas coincide com **ela**; que é **pois** constitutiva de seu objeto" (1989, p.17)⁵.

Várias tendências do pensamento ocidental contemporâneo têm desenvolvido

reflexões que reconsideram as relações entre narratividade, ficção e história. Para os objetivos do presente texto, destacam-se: Peter Burke, alinhado pela perspectiva da historiografia francesa da **École** des Annales;¹⁶ Paul Ricoeur, no contexto da filosofia francesa contemporânea (Cf. Ricoeur, 1994); e Frederic Jameson, no interior do conjunto da crítica cultural marxista (Jameson, 1992).

No Brasil, alguns têm trabalhado com semelhante perspectiva. Destaquem-se, aqui, as publicações Narrativa: **ficção** e história (Riedel, 1988)¹⁷ e Margem: **Dossiê** Narradores e Intérpretes (Ramos, 1992).¹⁸

Trabalhando em uma linha benjaminiana, Gagnebin se apresenta como uma das mais interessantes contribuições. Ela acompanha a concepção de Walter Benjamin segundo a qual a narrativa existe como experiência social coletiva que funde e intercomunica os horizontes do "narrador" e dos seus "ouvintes" fazendo uso da tradição que lhes é comum a fim de atualizar ambos como experiências compartilhadas.¹⁹ Segundo Gagnebin, seu mais **recente** trabalho se ocupa com a (...) importância da narração para a constituição do sujeito. Essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento. Essa empresa de rememoração já detennina., na aurora do pensamento grego, a tarefa do poeta e, mais **tarde**, a do historiador (Gagnebin, 1994, p.3).

Uma perspectiva valiosa para a análise da obra de Gilberto Freyre, que se expressa - principalmente em Casa-Grande & **Senzala** e **Sobrados** e Mueambos - praticamente como um grande **relato**; onde o autor ("o narrador") ao mesmo tempo em que se apresenta idiossincraticamente imerso na forma e no conteúdo de seu trabalho, organiza empati-

camente a **experiência** social do **passado** por meio de um exercício de "rememoração" que atribui sentido e unidade a história coletiva.²⁰

Os estudos históricos e sociológicos de Gilberto Freyre, bastante próximos em forma, **conteúdo** e estilo a algumas **conquistas** da renovação **modernista**, quando examinados à luz da teoria da História de Walter Benjamin e de sua **concepção** de crítica literária, **convertem-se** em uma rica fonte de **investigações** sobre as relações entre historiografia, interpretação sociológica e **ficção** durante a **construção** de uma "identidade" e de uma "memória" para a cultura nacional.

Entre as conquistas da **renovação** modernista e a institucionalização do pensamento sociológico nacional, a obra de Gilberto Freyre se apresenta no interior de um período **marcado**, como chamou Élide Rugai Bastos, pela obsessão explicativa do Brasil, buscando as raízes da formação nacional pela **reinterpretação** do passado. Em sua opinião (1987, p. 157 e seg.), a enorme penetração de **Casa-Grande & Senzala** se dá porque ela **se** situa no centro de um ponto de **inflexão**, quando a sociologia se constitui como um sistema, modificando a forma de seu **discurso** do "jurídico" para o "sociológico" e a sua eficácia no interior do recente campo intelectual emergente. A autora identifica em Gilberto Freyre a **transição** ao moderno - e seus componentes subjacentes de "decadência" e "sobrevivência" - como sendo sua temática privilegiada (Ibidem, p.160).

Em Gilberto Freyre, a **tentativa** de interpretação da **sociedade** por meio de um método **compreensivo partindo** do detalhe e do fragmento - uma atitude comum aos modernistas - pretende alcançar o **"conhecimento do senso** comum da vida cotidiana" (Idem, p.162) a fim de perceber sua historicidade. **Ocorre** que **apesar** da "força te-

volucionária" (Candido, 1994) de sua abordagem metodológica, os resultados de seus trabalhos muitas vezes se traduzem por uma empatia com o projeto de dominação social que **se** eferivou. E assim, Bastos conclui que

"essas posições tornam a obra de Gilberto Freyre, localizada na década de 30, elemento importante no jogo das forças políticas de então. Seu discurso, que aparece como 'científico', transfigura-se em 'discurso político', instrumentalizando fundamental na construção do pacto de 30" (Op. cit., p.162).

A enorme relevância que assumem os trabalhos de Gilberto Freyre no **cenário** intelectual e **cultural** da época se dá em grande parte pela **função** política que sua produção exerce, atribuindo sentido e unidade aos projetos de identidade regional e nacional durante o momento de consolidação da política **cultural** do Estado Novo. Ele surge como **uma** nova leitura da realidade histórica brasileira através de uma nova linguagem que **encerra** em sua estrutura estilística tanto os humores da renovação modernista, quanto a emergência de uma nova modalidade de discurso, o sociológico propriamente dito, que a partir de então caminha em direção a sua autonomia em busca da **consolidação** de seu espaço discursivo, de suas instituições e dos seus profissionais.

Atente-se para o fato de que as **propostas** de Gilberto Freyre causavam maior impacto pela "novidade" do que mesmo pela "renovação" efetiva dos seus conteúdos, principalmente **se** elas forem confrontadas com os pressupostos e **implicações** políticas contidas em **seu** argumento, conservador e resistente em muitos casos **às** mudanças efetivas tanto no interior do campo intelectual > pela adoção **e** desenvolvimento de **novas** perspectivas **teóricas** - quanto às transformações verificadas no seio da própria realidade brasileira, **em franco processo** de modernização.

A obra de Gilberto Freyre deste período de 30, **então**, triangula com o que foi produzido durante os anos 20 pela força de renovação estética - e que permaneceu à **mar**-gem da historiografia do Modernismo brasileiro²¹ - e com o desenvolvimento da prosa ficcional de 30 no Nordeste, veio que realiza uma "refundação" do Brasil pela pesquisa de universos e problemas locais através dos **no**-vos recursos expressivos conquistados pela geração modernista. Sua **obra**, então, entrecruza-se com as realizações da poesia de vanguarda do Recife dos anos 20 - principalmente através dos poetas Joaquim Cardozo (1897-1971) e Ascenso Ferreira (1895-1965) - e com o resultado ficcional dos romancistas de 30 - com destaque para os trabalhos de **Jo**-sé Lins do Rego (1901-1957), pessoalmente influenciado pelo autor de **Casa-Grande & Senzala**.²²

Assim, a reconsideração dos capítulos iniciais da história do pensamento social brasileiro - seu período de "formação decisiva" - situa-se precisamente no encontro entre o Modernismo e a consolidação da reflexão histórico-sociológica como domínios amplos e híbridos, que pouco a pouco caminhavam em direção a autonomia e a especialização para **marcar**, então, definitivamente a separação entre o Estético e o Científico como práticas isoladas pelo divórcio. Note-se que **parte** da obra de Gilberto Freyre - aquela exatamente onde se dá a sua gênese e afirmação - encontra-se entre o desenvolvimento do processo de renovação modernista no Nordeste dos anos vinte - ou de "reeção" ao Modernismo propriamente dito, se assim se considera o Regionalismo -, entre a estruturação do movimento do romance nordestino da **dé**-cada de 30 e a elaboração das grandes **expli**-cações do Brasil através da paulatina consolidação do campo mais "estritamente científi-

co" de estudos sobre a história e a cultura brasileiras. O desenvolvimento do pensamento marxista e a fundação da USP representam índices importantes para a constituição posterior do perfil da *intelligentsia* brasileira dos anos subseqüentes, geração que iria inicialmente aplaudir os esforços interpretativos do Sociólogo pernambucano para, depois, **colo**-cá-la em suspenso, sob suspeita do crime de representar as suas próprias raízes aristocráticas. Condenado à estátua, seu pensamento foi cristalizado e entregue à sorte dos aplausos e dos pombos.

Na realidade, as décadas de 20 e de 30 se apresentam hoje como um período de estruturação do paradigma nacional moderno: do paradigma estético e do sociológico. E Gilberto Freyre se configura como um dos seus mais importantes arautos, brilhante e atônito com a pressa com a qual o tempo erodia os seus valores. A Semana de Arte Moderna celebra a passagem das artes **nacio**-nais para o século XX. Casa-Grande & **Sen**-zala, por sua **vez**, situa-se também em um ponto de virada; **é** ele próprio parcela fundamental do movimento que institui o moderno discurso sociológico brasileiro.

Divisor de águas e pedra-de-fundação do pensamento social deste século, **Casa**-Grande constitui-se integralmente como uma **peça** modernista, em sua forma e conteúdo; trazendo uma reinterpretação do passado colonial brasileiro através **de** uma linguagem coloquial e desabusada num movimento de revalorização dos componentes da nacionalidade. Utilizando-se ao mesmo tempo de vasta documentação erudita e marginal, mesclada com a incorporação do quadro teórico proveniente da Antropologia Cultural norte-americana, o autor consegue "hannonzar os contrários" por uma estilística de forte personalidade marcada pela visão simpática ao

quadro histórico que descreve e ao seu legado cultural. Mais do que descrever, ele o narra: **reconta** o passado por uma longa jornada de idas e vindas - que se **contradizem** em muitos casos na mesma página - compondo um grande cenário híbrido e plástico que **transpõe** para a própria estrutura do livro o argumento que trata de desenvolver. Já se disse que Gilberto Freyre pensava por imagens.

Último grande suspiro exalado pela antiga ordem patriarcal num arremate final de reconsideração de seu próprio processo histórico de formação, dominação e decadência, a obra de Gilberto Freyre - principalmente entre as **décadas** de 30 e 50 - pode ser entendida em parte como sintoma de uma crise que procura reabilitar valores e tradições por um espasmo terminal e, contraditoriamente, moderno. Daí o que se realiza na trilogia "Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil"; uma **visão** encantada e alegórica, uma grande narrativa moderna que **traduz** a decomposição de uma ordem **política**, econômica e cultural agonizando a superação do quadro hegemônico anterior. Obra dramática e bela que, mesmo equivocada em boa parte das suas análises, sustenta-se pela força de sua própria composição. Casa-Grande & **Senzala**, pivô da **trilogia**, é **peça** que já nasce **clássica** (no sentido que lhe empresta Adorno), ela traz consigo **as** contradições e determinações profundas de seu tempo, plasmando-as em sua própria estrutura e **realizando** pelas mãos de um intelectual deslumbrado com a antiga classe dominante um movimento de mudança - *ma non troppo* - de **perspectiva** da **visão** da brasilidade através do reexame nostálgico de um passado ao mesmo tempo triunfal e decadente. Fosse ele um romance, poderia ser dito, seguindo Lukács e Goldmann, que o escritor representa a consciência-limite de um tempo em superação e

que o **narrador** encarna a própria figura do herói-degradado, um herói trágico e problemático que sonha revolver os cacos da história para compor um painel de futuro. Foi então o modernismo da casa-grande um dos parceiros da moderna sociologia brasileira, fazendo-a gozar de uma infância pachorrenta, exuberante e melancólica que só a meninice de Carlinhos no engenho do avô, contada **tão** simples por Zélinis que quase faz crer que não é conto, mas memória. Que quase convence que é o que é mesmo e pronto.

Quem quiser que conte outra.

Tradição

Terraço de casa-grande de manhãzinha,
fartura espetacular dos coronéis:

- Ó Zé-estribeira! Zé-estribeiro!
- Inhôôr!
- Quantos litros deu a vaca Cumbuca?
- 25, Seu Curuné!
- E a vaca Malhada?
- 27, Seu Curuné!
- E a vaca Pedrês?
- 35, Seu Curuné!
SÓO? Diabo! Os meninos hoje não têm o
qui mamar!

Ascenso Ferreira (Catimbó, 1927)

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor (1993), *Teoria est ética*. Lisboa, Edições 70.
- ANDRADE, Mário de (1942), *O movimento modernista*. Rio de Janeiro, Edição da Casa do Estudante do Brasil.
- (1988), *Mocuna íma - o herói sem nenhum cordão*. Ed. crítica/Telê Porto Ancona Lopez, coord. Brasília, CNPq.
- ARAÚJO, Ricardo B. de (1994), *Guerra e paz: casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos atos 30*. Rio de Janeiro, Ed. 34.

- ÁVILA, Affonso (Org.) (1975), *O modernismo*. São Paulo, Perspectiva.
- AZEVEDO, Neroaldo P. de (1984). *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba,
- BENJAMIN, Walter (1993), "Magia e técnica, arte e política", in *Obras escolhidas*, Vol. I, 5ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- BARROS, Souza (1975), *Um movimento de renovação cultural*. Rio de Janeiro, Cátedra.
- ____ (1986), *Os anos 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Recife, FUNOARPE.
- BASTOS, Élide R. (1987), "Gilberto Freyre: a sociologia como sistema", *Ciência & Trópico*, 15(2):157-64.
- ____ (1988), "Etnias e cultura na obra gilbertiana: o negro". *Ciência & Trópico*, 16(1):29-17.
- ____ (1989), "A sociologia nos anos 10", in O'INCAO, Maria Angela (org.). *História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior*. São Paulo, UNESP.
- BOLLE, Willi (1994), *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo, EDUSP.
- BRITO, Mário da S. (1971), *História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana de arte moderna*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- BURKE, Peter (Org.) (1968), *A escrita da história*. São Paulo, Ed. da UNESP.
- CANDIDO, Antonio (1968), "Literature and the use of Brazilian national self-identity". *Luso-Brazilian Review*, vol 5, n. 1.
- ____ (1985), *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 1ª ed., São Paulo, Ed. Nacional.
- ____ (1987), "A revolução de 1930 e a cultura". in *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo, Ed. Ática.
- ____ *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 1ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 2 vols.
- ____ (1994), "O significado de Raízes do Brasil: prefácio a *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda". in Holanda, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*. 26ª ed, Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- CARDOSO, Fernando H. (1993), "Livros que inventaram o Brasil". *Novos Estudos CEBRAP*, 37:21-35.
- CAROOZO, Joaquim (1971), *Poesias completas*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.
- CHACON, Vami reh (1993), *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife/São Paulo: Pundajf Nacional.
- CHIAPPINI, Ligia (1978), *Regionalismo e modernismo: o "caso" gaúcho*. São Paulo, Ática.
- ____ (Org.) (1993), *Literatura e história na América Latina*. São Paulo, EDUSP.
- O'ANOREA, Moema S. (1992), *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas, Ed. da UNICAMP.
- FAUSTO, Boris (1978). *A revolução de 30: historiografia e história*. 5ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- FERREIRA, Ascenso (1988), *Catimbó*. 1ª ed., Recife, FUNDARPE.
- FONSECA, Edson N. da (1988), *Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco.
- FREYRE, Gilberto (1941), *Região e tradição*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- ____ (1952), *Manifesto regionalista de 1926*. Recife, Edições Região.
- ____-r-r-r- (1961), *Sobrados e mucambos*. 1ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- ____ (1967), *Nordeste*. 4ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- ____ (1992), *Casa-Grande & Senzala*. 28ª ed., Rio de Janeiro, Record.
- GAGNEBIN, Jeanne M. (1982), *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo, Brasiliense.
- ____ = (1989), "A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin". *Discurso*; n. 9.
- ____-r-r-r-r- (1991), "Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta", in BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. I. 5ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- ____-r- (1994), *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Perspectiva.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOLANDA, Sérgio B. de (1994), *Raízes do Brasil*. 26ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- (NOJOSA, Joaquim (1968/69). O movimento modernista em Pernambuco. Rio de Janeiro, Gráfica Tupy Ed. (1) vols.
- JAMESON, Fredric (1992). *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo, Ática.
- JOHNSON, Randa! (1987), "Tupy or not tupy: cannibalism and nationalism in contemporary Brazilian literature and culture", in John King (org.), *Modern Latin American fiction: a survey*. London, Faber and Faber, pp.41-59.

- KOHUT, Karl (org.) (1991), *Palavra e poder: os intelectuais na sociedade brasileira*. Frankfurt, Ver-
vuest.
- LAFETÁ, João L. (1974), 1930: *a crítica e o moder-
nismo*. São Paulo, Duas Cidades.
- LEITE, Dante M. (1976), *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 3ª ed., São Paulo, Pioneira.
- LIMA, Luiz Costa (1989), *O aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro, Rocco.
- LUKÁCS, Georg (1978), *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MARTINS, Luciano (1987), "A gênese de uma intelli-
gentsia: os intelectuais e a política no Brasil: 1920
a 1940", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*,
4:65-87.
- MARTINS, Wilson (1969), *A literatura brasileira: o
modernismo*, Vol. 6. 3ª ed., São Paulo, Cultrix.
- MENESES, Diogo de M. (1944), *Gilberto Freyre*. Rio
de Janeiro, Edição-da Casa do Estudante do Bra-
sili.
- MICELI, Sérgio (1979), *Intelectuais e classe dirigente
no Brasil*. São Paulo, Difel.
- _____. (Org.) (1989), *História das ciências soci-
ais no Brasil*. Vol. I, São Paulo, IDESP.
- MORAES, Eduardo L. de (1978), *A brasilidade mo-
dernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro,
Graal.
- MOTA, Carlos G. (1977), *Ideologia da cultura brasi-
leira (1933-1974)*, 2ª ed., São Paulo, Ática.
- ORLANDI, Eni P. (Org.) (1991), *Discurso fundador: o
formação do país e a construção da identidade
nacional*. Campinas, Pontes.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacio-
nal*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1986), "A escola de Frankfurt e a questão
da Cultura". *Revista Brasileira de Ciências Soci-
ais*, 1:43-65.
- _____. (1990), "Notas sobre as ciências sociais no
Brasil". *Novos Estudos CEBRAP*, 27:166-75.
- PASSOS, José Luiz I. (1991), "Da sociedade como
dado literário à literatura como dado social". *Li-
vro de resumos do I Encontro das ciências sociais*.
Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- _____. (1994a), "As cidades e o moderno: espaço
social, espaço literário e a formação das identida-
des na periferia". *Massanetas: revista do aluno de
ciências sociais*, 3:11-3.
- _____. (1994b), "Resistência e renovação: aspec-
tos do movimento modernista em Pernambuco",
*Encontro: Revista do Gabinete Português de
Leitura de Pernambuco*, 9-10:51-5.
- PECAUT, Daniel (1989), *Entre le peuple et la nation:
les intellectuels et la politique au Brésil*. Paris,
Ed. de la Maison de sciences de l'homme.
- PRADO Ir. Caio (1994), *História econômica do Brasil*.
41ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- RAMOS, José Mário O. (ed.) (1992), *Margem: dossiê
narradores e intérpretes*. Revista da Faculdade de
Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo.
- REGO, José Lins do (1994), *Menino de engenho*. 58ª
ed., Rio de Janeiro, José Olympio Ed.
- REIS, Roberto (1989), "A máscara e a careta: percalços
do modernismo brasileiro", *Quadrant: Centre de
Recherche en Littérature de Langue Portugai-
se*, 6:59-80.
- _____. (1994a), "Quarto dos fundos & senzala:
por uma arqueologia do discurso cultural brasilei-
ro". *Revista de Crítica Literária Latinoamerico-
na*, 40:93-109.
- _____. (1994b), "Preguiça pastosa: repensando o
cânon literário brasileiro". *Sansa Barbara Portu-
guese Studies*. 1:122-39.
- RESENDE, Antônio Paulo de M. (1992), *(Des)Encantos
modernos. histórias da cidade do
Recife na década de vinte*, Tese de doutoramento
apresentada ao Departamento de História da Uni-
versidade de São Paulo, mimeo.
- RICOEUR, Paul (1994), *Tempo e narrativa*. Tomo I.
Campinas, Papirus.
- RIEDEL, Dirce C. (org.) (1988), *Narrativa: ficção &
história*. Rio de Janeiro, Imago.
- SAES, Décio (1984), *Classe média e sistema político
no Brasil*. São Paulo, T. A. Queiroz.
- SANTOS, Lutz Amemo de C. (1990), "O espírito da
aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória inte-
lectual de Gilberto Freyre". *Novos Estudos CE-
BRAP*, 27:45-66.
- SEVCENKO, Nicolau (1992), *Orfeu esfático na metrô-
pole: São Paulo, sociedade e cultura nos freimen-
tes anos 20*, São Paulo, Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto (1992), "A originalidade da crí-
tica de Antonio Candido". *Novos Estudos CE-
BRAP*, 32:31-46.
- SWINGWOOD, Alan (1975), *The novel and revolu-
tion*. London, Macmillan.
- _____. (1986), *Sociological poetics and aesthetic
theory*. London, Macmillan.
- TELES, Gilberto M. (1987), *Vanguarda européia e
modernismo Brasileiro: apresentação dos princi-
pais poemas, manifestos, prefácios e conferên-
cias vanguardistas, de 1857 até hoje*. 10ª ed., Rio de
Janeiro, Record.

(1990), *A crítica e o romance de JO do nordeste*. Rio de Janeiro, Atheneu Cultura.

NOTAS

Mestrando do Curso de Mestrado em Sociologia da UNICAMP, onde desenvolveu projeto de pesquisa sobre Gilberto Freyre e o Modernismo no Nordeste: sob a orientação dos Professores Renato Ortiz e Elide Rugai Bastos. O presente artigo foi retirado do referido projeto e redigido como parte das atividades de uma bolsa de Aperfeiçoamento/Pesquisa do CNPq.

¹ Veja a este respeito, por exemplo, Brito (1971).

² Em alguns casos esta relação entre renovação estética e pensamento social se apresenta diretamente e talvez Mário de Andrade seja o exemplo mais admirável da primeira geração. Sérgio Buarque de Holanda, juntamente com Prudente de Moraes Neto, editaria em 1924 a revista *Estética*; quase à mesma época, Gilberto Freyre encabeçaria o Movimento Regionalista em Pernambuco e posteriormente influenciaria de forma marcante alguns autores da geração do Romance de 30.

³ Sobre a transformação do panorama político nacional e suas relações com as camadas médias destaque-se: Fausto (1918) e Saes (1985); e particularmente no tocante aos intelectuais, Miceli (1979); Martins (1987); Pécaut (1989) e Kohut (1991).

⁴ Termo retirado de Moraes (1978) onde o autor considera o ano de 1924 como o ponto de inflexão a partir do qual a imediata intenção de renovação estética modernista passa a incorporar a tentativa de elaboração de uma literatura "verdadeiramente" brasileira rumo ao estabelecimento de um projeto para a cultura nacional. Para este período, as relações entre projeto estético e projeto político são claras. Alguns autores chamam a atenção para a relação entre o nacionalismo cultural desenvolvido a partir de 1924 e as posteriores políticas culturais do Estado Novo. Uma interessante análise sobre a posição de Oswald de Andrade se encontra em Johnson (1987).

⁵ Há uma vasta literatura sobre o modernismo brasileiro, entre as principais referências estão: Brito (1971); Teles (1972); Ávila (1975) e Martins (1987).

⁶ Grande parte da chamada geração formada por Antonio Candido tem trabalhado no sentido de demonstrar como as relações sociais presentes no universo que dá suporte à tríade autor-obra-e-público se manifestam no interior da obra enformando a própria estrutura estética da mesma. Destaque-se aqui os trabalhos de Roberto Schwarz, Ligia Chiappini, Felô Porto Ancona Lopez, João Luiz Lafetá e Walnice Nogueira Galvão.

Não raro, seus trabalhos têm estabelecido um diálogo rico e duradouro com as Ciências Sociais.

⁷ Para um panorama bastante interessante do desenvolvimento histórico de algumas das principais instituições formais do pensamento social brasileiro, consulte Miceli (1989). Também em Ortiz (1990) encontram-se elementos importantes para uma reflexão sobre a consolidação da matriz disciplinar das Ciências Sociais enquanto campo acadêmico autônomo. Especificamente sobre as contribuições de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., veja o recente ensaio-aula de Cardoso (1991).

⁸ Sevcenko (1992) reconta de forma bastante sugestiva a história cultural da metrópole paulista quando ela na década de 20 definitivamente mergulha na vitrine de símbolos da modernidade.

⁹ *Macunaima* (1928) de Mário de Andrade pode ser visto como um admirável exemplo desta intensa busca das (onte, para o estabelecimento de um novo sentido para a palavra nacional).

¹⁰ Entre os trabalhos que têm se dedicado à investigação das relações entre "modernismos" e "regionalismos" locais, destaque-se: Azevedo (1984) e Chiappini (1978); ambos, duas teses de doutoramento pela Universidade de São Paulo.

¹¹ Destaque-se o recente e interessante estudo de D'Andrea (1992), que trabalha as relações entre Gilberto Freyre e as expressões literárias do regionalismo do ponto-de-vista da crítica e da história literária.

¹² Veja, por exemplo, Orlandi (1991), para uma interessante reunião de textos do ponto de vista da Análise do Discurso.

¹³ Para um interessante panorama da época consulte Candido (1987), e, mais especificamente, o compêndio de Teles (1990), que encerra seu trabalho acrescentando que "(...) os romancistas de JO do Nordeste construíram a linguagem mais eficazmente adequada aos princípios modernistas de se 'redescobrir' o Brasil, de revelar o homem brasileiro na plenitude de sua esperança e miséria" (p.107).

¹⁴ No panorama da renexão internacional contemporânea Swingewood (1975 e 1986) vem trabalhando em tomo de uma interessante perspectiva da Sociologia da Literatura.

¹⁵ No interior desta mesma obra, *O aguarrás do tempo*, especial atenção deve ser dada ao capítulo III, "A versão solar do patriarcalismo: Casa-Grande & Senzala", p.187-238.

¹⁶ Veja "A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa" in Burke (1992, p.321-48).

¹⁷ Com **contribuições de Benedito Nunes**, Bento **Prado** Júnior, Luiz Costa **Lima**, Ricardo Benzaquen de Araújo. Nicolau Sevcenko, Francisco Igjésjas, Luiz Felipe Beêta **Neves**, Luiz Eduardo Soares. Silviano Santiago, **José** Miguel Wisnik, **José** Américo da Mota Pessanha e Horus Vital **Brazil**.

¹⁸ Com **textos** de reenne Marie Gagnebin. **Elias** Thomé Saliba, Guilherme **Simões** Gomes Jr., Louis **Quéré**, **Eliane Robert Moraes**, Silvia Helena **Simões** Borelli, Edgard de Assis Carvalho. Matiza Wemeck e **Márcia** Mansar O'Aléssio.

¹⁹ Veja "O Narrador" em Benjamin (1998).

²⁰ Existem, naturalmente, algumas dificuldades de se **utilizar** semelhante **perspectiva para** o **trato** de **semelhante** objeto; no caso, a obra de **Gilberto** Freyre.

²¹ A este respeito, destaquem-se os trabalhos de **Barros** (1975); e de Inojosa (1968/69).

²² Há uma **vasta bibliografia sobre** Gilberto Freyre. Curiosamente uma das **últimas** referências **publicadas** aponta implicitamente para **esta relação** com o Modernismo. **Apesar** disso, o autor não **desenvolve** esta **perspectiva preferindo** solucionar o estudo por meio **de** uma abordagem monográfica da obra de G.f. **na década de 30. Trata-se de Araújo** (1994).